

‘A prática frequentemente di

Participante das principais conferências do meio ambiente, Sachs dá sugestões para a Rio + 20

Amelia Gonzalez
amelia@oglobo.com.br

Polônês, naturalizado francês, aos 85 anos o ecossocioeconomista Ignacy Sachs tem uma bagagem que causa inveja a qualquer ambientalista. Ele participou do encontro no Japão, em 1970, que funcionou como uma preparação para a Conferência de Estocolmo dois anos depois, onde trabalhou ativamente. Esteve também na Rio-92 e agora se prepara para assistir o mundo discutir novamente sobre a difícil equação entre crescimento e preservação ao meio ambiente, na Rio+20. É criação dele a expressão ecodesenvolvimento, que acabou sendo substituída por desenvolvimento sustentável. Em seu livro "A Terceira Margem", Ignacy dá uma explicação política ao fenômeno (a preocupação com o desenvolvimento teria que vir antes da atenção à ecologia), mas agora ele prefere fugir ao debate. "Chamem a isso de cocorico, conquanto coloquem em nota de rodapé o significado desta palavra", resume.

O GLOBO: Na década de 1950 Rachel Carson escreveu "Primavera silenciosa" (ver box ao lado) e se tornou a primeira pessoa que conseguiu pôr em papel a grave denúncia de que o homem estava sofrendo por conta de venenos que ele próprio criara. Ela pode ser considerada uma precursora do movimento verde?

IGNACY SACHS: A "Primavera silenciosa" foi um livro revelador para a minha geração. Merece, portanto, ser lembrado por todos os ambientalistas pelo seu caráter pioneiro.

O GLOBO: Em 1970 o senhor participou de um colóquio no Japão sobre meio ambiente. Pode nos dizer o que foi discutido lá?

IGNACY SACHS: A reunião foi promovida por ocasião da abertura da Exposição Internacional de Osaka com o economista e ambientalista japonês Shigeto Tsuru como figura central. A reunião, começada em Tokyo e terminada em Osaka, com uma viagem instrutiva no meio que nos levou ao pé do vulcão sagrado Fujiyama, cujo cume era invisível de baixo por causa das poluições industriais acumuladas, constituiu um passo importante na preparação da Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente realizada em 1972 em Estocolmo. Da viagem ao Japão em 1970, guardo três recordações:

— A intensidade com que a problemática ambiental estava sendo discutida no Japão depois do episódio de Minamata (ver box na página 7). Os gatos desta cidade portuária um dia jogaram-se no mar e morreram afogados. Na realidade, estavam contaminados pelo mercúrio lançado no mar por uma fábrica local e concentrado nas espinhas dos peixes. Os gatos foram as primeiras vítimas, depois vieram as vítimas humanas;

— O governo japonês na época pleiteava a localização do seu país como sede do futuro Programa das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (Pnuma), uma maneira de reaver uma posição mais destacada no âmbito internacional, comprometida por sua participação na Segunda Guerra Mundial como aliada da Alemanha;

— A nível pessoal, destaco o encontro com William Kapp, universitário de origem alemã radicado na Suíça, indiscutivelmente um dos pais da ecossocioeconomia.

O GLOBO: Conforme o senhor descreve no seu livro "A Terceira Margem", na Conferência de Estocolmo (1972) havia duas posições antagônicas: os partidários do crescimento selvagem e os partidários de crescimento



IGNACY SACHS é um ecossocioeconomista que participou

demográfico zero. De que lado estava o Brasil? Como foi a participação do país nesta Conferência?

IGNACY SACHS: Em Estocolmo, afrontaram-se várias posições. A que terminou ganhando via a possibilidade de redefinir o desenvolvimento com base num tripé: finalidades sociais, condicionalidade ambiental, viabilidade econômica. A delegação brasileira enfatizava a prioridade do crescimento econômico, acreditando que a problemática ambiental podia esperar por tempos melhores.

verge do discurso'

Arquivo



ou do texto para ser discutido durante a Conferência do Meio Ambiente em 1972, Estocolmo

O GLOBO: *Em 1992 já havia mais indícios de que o homem estava arruinando a natureza do que vinte anos antes. Como os líderes e os empresários se posicionaram diante disso?*

IGNACY SACHS: Em palavras, todos estão sempre de acordo com a necessidade de promover o crescimento econômico e a justiça social, tomando ao mesmo tempo todo o cuidado necessário com o meio ambiente. Como se diz em francês, poupando a cabra e o repolho. Infelizmente, no entanto, a prática frequentemente diverge do discurso.

O GLOBO: *Na sua busca pelo ecodesenvolvimento, como sugere o subtítulo de seu livro, como o senhor vê os Índices de Desenvolvimento Humano?*

IGNACY SACHS: O índice de Desenvolvimento Humano constitui um progresso com relação à simples medição do crescimento econômico per capita. Porém, não contempla a problemática ambiental. O problema não está na elaboração de um índice sintético, e sim na utilização conjunta de índices econômicos, sociais e ambientais.

Continua na página seguinte

A precursora

Arquivo



Bióloga, pesquisadora rigorosa e amante de seres vivos de qualquer espécie, Rachel Carson (foto) lançou o livro “Primavera silenciosa” em 1962, depois de quatro anos e meio de trabalho. Foi

através destes estudos, demonstrados com centenas de documentos científicos, que Rachel conseguiu convencer o governo dos Estados Unidos, dez anos depois do lançamento do livro, a banir do país o inseticida DDT, cancerígeno. Mas Carlson faz mais do que chamar a atenção sobre o mal que os pesticidas químicos podem fazer ao organismo humano. Ela é considerada como precursora no despertar da consciência pública ambiental. Seu livro é quase um romance, e vale a pena ser lido ainda hoje, quando o alerta que lançou já nos parece até trivial.

Entre outras coisas, ela chama a atenção para o fato de que os homens não conseguem respeitar o tempo da natureza. E cita exemplos de inseticidas feitos de maneira natural para acabar com as pragas de maneira orgânica: num episódio do livro, ela conta como um pesquisador acabou com infestação de formigas numa lavoura fazendo um trabalho que durou um ano, de tornar estéreis as formigas fêmeas. Rachel Carson morreu prematuramente em 1964, dois anos depois do lançamento de seu livro. Ela, que viveu numa época em que os governos permitiam que substâncias tóxicas fossem lançadas no meio ambiente antes de saber as consequências de seu uso a longo prazo, foi vítima de câncer. E hoje é citada por muitos empresários que se preocupam com o meio ambiente como aquela que começou a expor os abusos que a indústria moderna comete contra o meio ambiente.

Entrevista /Ignacy Sachs

O GLOBO: *Como surgiu a expressão desenvolvimento sustentável?*

IGNACY SACHS: Não tenho uma explicação plausível por que a expressão "desenvolvimento sustentável" acabou sendo preferida ao termo "ecodesenvolvimento". Trata-se de uma questão secundária, desde que se tenha sempre o cuidado de definir os conceitos empregados. Um filósofo polonês costumava dizer: "chamem isso de cocorico conquanto coloquem em nota de rodapé o significado desta palavra". As polêmicas sobre a terminologia quase sempre têm por objetivo fugir a um debate substantivo.

O GLOBO: *A Conferência de Estocolmo inscreveu o meio ambiente na ordem da comunidade internacional há 40 anos. De lá para cá, assistimos a um processo de tomada de consciência, ainda muito aquém do necessário (vide os últimos vazamentos de óleo no mar, só para dar um exemplo). Já se sabia, na época, que seria difícil conseguir essa consciência?*

IGNACY SACHS: É muito difícil, se não impossível prever o ritmo de progresso e de resistência na aceitação de novos conceitos e, ainda mais, na sua aplicação efetiva. Acredito que o meio ambiente veio para ficar e a Conferência de Estocolmo teve este efeito duradouro. A conversa é outra ao tentarmos avaliar como está se dando hoje em dia, a passagem da socioeconomia bidimensional (com foco em lucro e ambiente) à ecossocioeconomia tridimensional (com foco em lucro, no ambiente e nas pessoas).

O GLOBO: *James Lovelock, em seu livro "Gaia, o alerta final", diz que o homem deveria deixar o ecossistema tentar se regenerar em vez de ficar plantando árvore em terra degradada. O que o senhor acha disso? O senhor e a sua esposa procuram exercer o consumo consciente?*

IGNACY SACHS: Não vejo por quê haveríamos de não plantar árvores em terra degradada para reflorestá-la. Ao contrário, acho que deveríamos assumir a responsabilidade por nossas ações e ajudar os ecossistemas a se recuperarem das nossas ações destruidoras. Dito isso, há muito a fazer para evitar agressões desnecessárias à natureza. Devemos ter a ambição de propor estratégias de desenvolvimento socialmente includentes e ambientalmente sustentáveis. Quanto ao consumo consciente, só posso responder por mim mesmo. Pessoalmente, acho o conceito de consumo consciente um tanto frouxo. Devemos todos virar vegetarianos? Peixe é carne, ou pertence a uma outra categoria? Sobre tudo, não

acredito muito na pregação de comportamentos individuais. Penso que a gestão dos recursos naturais deve ser enfrentada por políticas coletivas, pelo menos em primeira instância.

O GLOBO: *O senhor acredita que, na história das discussões sobre o meio ambiente, o relatório dos cientistas do IPCC (Intergovernmental Panel of Climate Change, na sigla em inglês), divulgado em 2007, tenha sido um marco, já que ficou claro que o homem é responsável pela deterioração do*

meio ambiente?

IGNACY SACHS: Os relatórios do IPCC representam, sem dúvida, uma contribuição importante ao debate sobre a definição e a implementação de políticas de desenvolvimento socialmente desejáveis, ambientalmente corretas e economicamente viáveis.

O GLOBO: *Quais são as suas expectativas diante da nova Conferência, a Rio+20?*

IGNACY SACHS: Se depender de mim, a segunda

Rio-92 reafirmou declaração de Estocolmo



O documento final da Rio 92 reafirmou a Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano adotada em Estocolmo em 1972. Mas avançou em algumas coisas.

Por exemplo, quando proclama que cada estado tem o direito soberano de explorar seus próprios recursos segundo suas próprias políticas de desenvolvimento e meio ambiente e a responsabilidade de evitar que qualquer atividade produtiva em sua jurisdição cause danos ao meio ambiente.

Outro documento importante assinado na Conferência foi a Agenda 21. Trata-se de uma tentativa ousada de promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. Mas, pelo menos até agora, a Agenda 21 é rigorosamente menosprezada.

Segundo Sachs em seu livro "A Terceira Margem", "Os resultados da Cúpula pareciam estar na medida das expectativas: as convenções sobre biodiversidade e os climas, uma Agenda 21 fornida, com um rico rol de ações a empreender, e que, esperávamos, em breve seriam detalhadas por milhares de Agendas 21 locais elaboradas coletivamente no mundo todo."

Ignacy Sachs lembra ainda que "Tínhamos a sensação de uma missão bem cumprida. Infelizmente, o entusiasmo criado pela Cúpula do Rio não se concretizou e, até hoje, as Agendas 21 locais são poucas".

cúpula do Rio de Janeiro convidaria os países membros das Nações Unidas a prepararem, nos próximos dois ou três anos, planos de desenvolvimento de longo prazo (10 ou 15 anos) baseados em conceitos comuns, tais como a pegada ecológica e a biocapacidade, os perfis energéticos (sobriedade, eficiência e substituição das energias fósseis e da energia atômica por energias renováveis) e oportunidades de trabalho decente, tal como o define a OIT, incluindo o emprego e o autoemprego.

Em paralelo, as Nações Unidas se empenhariam em duas tarefas:

— A criação de um importante Fundo de Desenvolvimento Socialmente Incluyente e Ambientalmente Sustentável, financiado por 0,75 a 1% do PIB dos países mais ricos, a taxa Tobin sobre as transações financeiras: um imposto a ser instituído sobre as emissões de carbono e pedágios sobre oceanos e ares, cobrados dos aviões e navios como pagamento pelos serviços do patrimônio comum da humanidade com a possibilidade de isentar os países de renda per capita mais baixa;

— A intensificação do intercâmbio científico e técnico entre países que compartilham os mesmos biomas e, portanto, estão enfrentando desafios semelhantes no que diz respeito ao aproveitamento dos recursos renováveis.

O GLOBO: *É possível conciliar desenvolvimento econômico e preservação da natureza ou esta será uma meta nunca alcançada pela humanidade?*

IGNACY SACHS: De duas coisas, uma: ou seremos capazes de conciliar o desenvolvimento econômico com a gestão racional da natureza ou vamos provocar mudanças deletérias do clima de origem antrópica, pondo a termo em perigo a sobrevivência das civilizações modernas tais como as conhecemos. Não se trata da minha parte de catastrofismo. Não me considero uma Cassandra. Porém, o tempo urge. Demoramos muito em reconhecer que a revolução industrial nos propulsou numa nova era — o Antropoceno — que coloca sobre nós responsabilidades acrescidas.

Os gatos denunciaram o mercúrio em Minamata

O mercúrio usado pela companhia hidrelétrica Chisso, que produzia fertilizantes químicos, contaminou o mar na Baía de Minamata, no Japão. Não foi exatamente um vazamento grande de mercúrio, como hoje acontecem os vazamentos de óleo em nossos mares. Ali aconteceu de mansinho, e foi infectando as pessoas sem que elas percebessem. Sabe-se que em maio de 1956 quatro pessoas foram internadas com sintomas que assombraram os médicos: convulsões severas, perda de consciência, surto psicótico, coma. As quatro pessoas morreram. Depois delas, mais 13. Foi quando se deu o episódio contado por Ignacy Sachs: os gatos da cidade se transformaram em feras raivosas, com espasmos e convulsões. Muitos se jogaram no mar. Pesquisadores da Universidade Kumamoto entraram em campo para tentar achar o motivo e descobriram que essas pessoas e animais tinham algo em comum: haviam comido peixes da Baía de Minamata. E os peixes estavam contaminados com uma substância tóxica, o mercúrio.

Daí a se chegar à produção industrial da corporação Chisso, que fabricava fertilizantes químicos, não demorou muito. No total, mais de 900 pessoas morreram e a doença passou a se chamar Síndrome de Minamata. Em conluio com a corporação, o governo da época não deu muita força à



queixa das vítimas e elas tiveram uma indenização muito pequena (1.500 libras esterlinas em danos e 120 libras esterlinas por mês para tratamento médico, segundo reportagem do jornal “The Guardian”) paga somente em 1996.

Em 2001 pesquisadores da universidade puderam apresentar a totalidade dos seus estudos, dando conta de que, na verdade, o mercúrio já contaminou dezenas de milhares de pessoas em todo o mundo. A Chisso Corporation mudou seu nome para JNC Corporation em novembro deste ano. Em seu site, a empresa lembra do episódio como “O desastre de Minamata” e diz que continuará fazendo esforços para compensar as vítimas. (A foto é de um terremoto que aconteceu na cidade em 2003).

Bastidores de 1972

Arquivo

Dois trechos do livro “A terceira margem” contam bastidores da Conferência que se realizou em Estocolmo entre os dias 5 a 16 de junho de 1972 com a presença de representantes de 113 países e mais 400 instituições governamentais e não governamentais:

“Duas posições extremas se confrontaram a respeito das relações entre o meio ambiente e o desenvolvimento. De um lado, os partidários do crescimento selvagem, que diziam: Primeiro o crescimento e depois veremos. Um diplomata brasileiro de ideais progressistas, mas que interpretara errado o meio ambiente como algo que seria simplesmente uma pedra jogada no caminho da industrialização dos países do Sul, nos disse, num momento de discussão livre, “que todas as indústrias poluentes vão para o Brasil, temos espaço suficiente para isso, e no dia em que formos tão ricos como o Japão nos preocuparemos com o meio ambiente”. Havia também um inglês que considerava que o meio ambiente era uma invenção das classes ricas e desocupadas que custavam a encontrar uma ocupação...

...Foi nos corredores da conferência de Estocolmo que (Maurice) Strong lançou a palavra “ecodesenvolvimento”. Tinha um pouco em mente as ilhas paradisíacas do oceano Pacífico. Banhávamo-nos em Rousseau, mas também numa ideia expressada num livro que marcou data, “A próxima Idade Média”, de Roberto Vacca. Era preciso haver lugares que servissem de refúgio em caso de guerra, acidente nuclear e colapso da civilização em seguida a uma catástrofe natural... Foi muito curioso, pois primeiro houve o vocábulo, e depois começou-se a escavar o conteúdo. Portanto, trabalharíamos por vários anos no aperfeiçoamento do conceito de ecodesenvolvimento, que nesse meio-tempo se transformara em “desenvolvimento sustentável” (termo que me desagradava profundamente).”

